

SHAKESPEARE NO BRASIL: FONTES DE REFERÊNCIA E PRIMEIRAS TRADUÇÕES

Marcia A. P. Martins

O ano de 1933 é considerado um marco na história da difusão do drama shakespeariano no Brasil, devido à publicação pela Schmidt da primeira tradução brasileira integral de uma peça de Shakespeare a partir de um original em língua inglesa. A tragédia do príncipe Hamlet foi traduzida por Tristão da Cunha em prosa descrita como seiscentista, para evocar a atmosfera da época e criar um efeito arcaizante. A edição inaugurou uma nova tendência na fortuna de Shakespeare no Brasil, rompendo com a tradição de se fazerem traduções indiretas, não integrais e que, embora usadas em encenações, não chegavam a ser publicadas. Diante da crescente produção tradutória de obras de Shakespeare a partir dos anos 1930 — na década atual já foram lançadas 44 novas traduções e mais sete estão no prelo —, a precariedade de informações sobre essa produção em nosso país no século XIX desperta uma certa curiosidade: que textos shakespearianos eram lidos e encenados nessa época? Será que teriam circulado no Brasil apenas traduções feitas em português de Portugal? Em outras palavras, não teria havido traduções para o português do Brasil antes do século XX?

Um breve histórico das traduções shakespearianas para outras línguas, inclusive o português, mostra que até o século XVII traduziam-se apenas fragmentos de peças. Somente a partir do século XVIII é que começaram a ser produzidas traduções mais completas, a maioria das vezes a partir de um texto-fonte intermediário, geralmente em francês (Martins, 2006). As traduções francesas mais utilizadas eram as de Jean-François Ducis, que adotava uma poética neoclássica, empregando alexandrinos rimados e introduzindo mudanças radicais na trama e nos personagens. Tratava-se, na verdade, de um tipo de tradução denominada “imitação”, ou *imitatio*, na qual se mantém apenas a idéia geral, tendo o tradutor liberdade de fazer intervenções profundas no texto.

No Brasil, não foi diferente: a introdução de Shakespeare em nosso país pela via literária deu-se por meio de traduções, muitas vezes indiretas e também produzidas em Portugal, de trechos de peças que se destinavam à encenação. Para conhecer a história e

a recepção dos textos e das montagens de obras de William Shakespeare no Brasil (em inglês e em traduções brasileiras) contamos, felizmente, com as seguintes referências básicas: *Shakespeare no Brasil*, de Eugênio Gomes (1961); *William Shakespeare no Brasil: Bibliografia*, de Celuta Moreira Gomes, com a colaboração de Thereza da Silva Aguiar, em três volumes, o primeiro publicado em 1961, o segundo em data desconhecida (mas não muito posterior), e o terceiro em 1965; e *William Shakespeare: edição do IV Centenário*, coletânea organizada por Barboza Mello e Olympio Monat (1964). Além dessas publicações, disponíveis apenas em algumas bibliotecas, há também artigos de interesse histórico, com especial destaque para dois, ambos de Barbara Heliodora, nos quais a estudiosa constrói uma história das encenações de textos shakespearianos em nosso país: “Shakespeare in Brazil”, publicado em 1967 em *Shakespeare Survey*, e “Shakespeare no Brasil”, que integra a coletânea de ensaios *Shakespeare, sua época e sua obra*, organizada por Marlene Soares dos Santos e Liana de Camargo Leão (2008). Os mesmos artigos também contam um pouco da história das traduções brasileiras do cânone shakespeariano, assim como “Shakespeare em tradução no Brasil” (Martins, 2008), incluído na mesma coletânea, e “Sotaque brasileiro” (Martins, 2006), publicado no número dedicado ao poeta inglês da revista *Entrelivros*, coleção Entreclássicos.

Fontes de referência

A coletânea de ensaios de Eugênio Gomes, *Shakespeare no Brasil*, reúne a produção de anos de crítica e profundo estudo da obra de William Shakespeare e de suas influências na literatura brasileira. Seu autor exerceu as múltiplas atividades de crítico literário, poeta, cronista, tradutor, divulgador da literatura inglesa e burocrata federal, e é considerado um dos fundadores dos estudos comparatistas no Brasil (Alves, 1995: 57 e 104).

Na década de 1940, Gomes começou a produzir resenhas críticas sobre a exegese das obras de Shakespeare, entremeadas com comentários próprios e análises das peças. Esses trabalhos, mais a crítica de traduções de peças shakespearianas para a língua portuguesa, viriam compor a coletânea mencionada, de inspiração nitidamente comparatista. No período em que ocupou a direção da Biblioteca Nacional (1951-56), preocupou-se em adquirir o maior número possível de estudos sobre Shakespeare, e a realizar, constantemente, exposições sobre autores brasileiros, resgatando sua memória por documentos e dando relevo ao acervo de livros raros da instituição. Durante a sua

gestão na Biblioteca Nacional encomendou a pesquisa que deu origem à segunda (por critérios cronológicos) referência fundamental para os estudos shakespearianos em nosso país: *William Shakespeare no Brasil: Bibliografia*. A chefe da Seção de Referência, Celuta Moreira Gomes, aceitou o desafio, conseguindo levantar o material existente até o ano de 1954 inclusive, num total de 1.576 entradas de bibliografia. O trabalho, realizado com a colaboração de Thereza da Silva Aguiar, veio a ser publicado alguns anos depois, em 1961, como separata do volume 79 (1959) dos Anais da Biblioteca Nacional. Como Chefe da Seção de Referência, vinculada à Divisão de Circulação da Biblioteca Nacional, Celuta Gomes estava subordinada ao diretor desta divisão, que era, na época, Paulo Mendes Campos. No paratexto “Nota prévia”, a autora esclarece que sua obra é:

[...] um apanhado geral do que se escreveu no Brasil sobre o grande dramaturgo inglês, não tendo caráter seletivo. Arrola trabalhos de natureza diversa, livros, folhetos e artigos de periódicos, de autores brasileiros ou de estrangeiros já de há muito radicados em nosso meio e que escreveram originariamente no nosso idioma, exceção feita para os tradutores das obras de Shakespeare em língua portuguesa.¹ (1961: 7)

Assim, foram incluídas todas as traduções para o português, tanto do Brasil quanto o de Portugal.

Diante da complexidade e variedade dos temas abordados, essa bibliografia — apresentada como um levantamento “tanto quanto possível completo do material existente” (ibidem) — recebeu “um arranjo sistemático”, sendo organizada nas seguintes seções e subseções: Traduções (Livros; Trechos esparsos; Crítica); Argumentos e sumários; Adaptações; Paródias (Crítica); Representações (Teatro – intérpretes; intérpretes nacionais; intérpretes estrangeiros; representações no estrangeiro comentadas na imprensa brasileira; Teatro de figuras; Óperas; Ballet; Cinema; Rádio; Televisão); Geral (Biografia; Controvérsia; Arte Dramática; Peças; Personagens; Música; Reflexos de Shakespeare – alusões, epígrafes, paráfrases, etc.). O livro contém, ainda, uma Nota Prévia, já mencionada; abreviaturas de periódicos indexados; referências bibliográficas; obras consultadas e, por fim, índice.

Na seção Traduções, como já foi dito, além das brasileiras foram arroladas as de escritores portugueses e publicadas em Portugal, desde que obras inteiras, como o *Hamlet* e *O Mercador de Veneza*, de Bulhão Pato, e não apenas trechos esparsos. Entre

¹ A grafia original dos textos publicados anteriormente à reforma ortográfica de 1971 foi mantida em todas as citações.

as traduções portuguesas lidas e encenadas no Brasil podemos citar, também, as de D. Luís de Bragança, Domingos Ramos e Henrique Braga. No caso dos tradutores brasileiros, a pesquisa procura apresentar tudo o que se traduziu do autor inglês, desde peças completas a pequenos trechos, “mesmo porque poucos escritores brasileiros se aventuraram a traduzir peças inteiras” (1961: 7) de Shakespeare. Também as críticas provocadas por tais reescrituras foram incluídas. Ficaram de fora apenas “as traduções e arranjos feitos para grupos teatrais e que não se publicaram” (ibidem).

A bibliografia organizada pela então chefe da Seção de Referência da Biblioteca Nacional é, portanto, a mais precisa fonte de referência sobre a presença editorial de Shakespeare no Brasil até 1954; para sua pesquisa, ela utilizou livros e periódicos dos séculos XIX e XX, sendo que o mais antigo data de 1834. Como benefício adicional, o leitor obtém uma relação completa dos suplementos literários e edições comemorativas e especiais dos jornais e outros periódicos brasileiros, servindo de orientação para pesquisas literárias não necessariamente relacionadas a Shakespeare. A riqueza do estudo pode ser avaliada pela descrição que dele faz a autora, no prefácio ao terceiro volume da bibliografia, concluído em 1965:

O nosso primeiro trabalho registra até o ano de 1954 [sic], as traduções em língua portuguesa, as adaptações, os ensaios, os estudos, as análises feitas por intelectuais brasileiros à obra de Shakespeare, bem como os reflexos desta obra no Brasil. Inclui também as manifestações teatrais havidas desde 1835 a 1954, desde a portuguesa Ludovina com o seu Romeu e Julieta no Teatro da Praia de D. Manoel ao nosso atual Sérgio Cardoso com o seu Hamlet famoso. As célebres atuações de Rossi, Salvini, Emanuel, Novelli, Brazão no final do século 19 bem como a de outros estrangeiros ilustres que no começo deste século aqui aportaram trazendo Shakespeare na sua bagagem, não foram por nós esquecidos: Sarah Bernhardt, Coquelin, Zacconi, Barrault tiveram como os seus colegas do século passado as suas performances por nós esquadrihadas nos jornais da época. O grande ator João Caetano foi detalhadamente pesquisado na sua grande e prolongada trajetória pela cena brasileira desde o seu Hamlet de 1836 ao seu Otelo de 1860. (Gomes e Aguiar, 1965: 12)

Ao primeiro volume da Bibliografia (1961) seguiram-se mais dois, à guisa de complemento. O segundo volume, abrangendo o período de 1955 a 1963, “foi elaborado nos moldes do primeiro, havendo, no entretanto [sic], uma expansão no quadro sistemático da obra” (Gomes e Aguiar, 1965: 12). O terceiro, publicado em 1965, buscou registrar todas as comemorações realizadas em nosso país por ocasião do quarto centenário de Shakespeare, no ano de 1964. Como diz Celuta Gomes no prefácio da edição, “[e]m todos os continentes homenagens em diferentes estilos foram feitas. O Brasil reverenciou também o grande dramaturgo e não podíamos, então, nos furtarmos

ao desejo de tombar tais comemorações, daí surgindo a bibliografia do ano Shakespeare no Brasil. (1965: 11)

O levantamento minucioso das autoras resultou em 763 referências bibliográficas, abrangendo as “conferências, os ensaios, os simples artigos, as secções solenes, as leituras dramáticas, as representações teatrais levadas a efeito” (p. 11). As autoras ressaltam que a bibliografia é de material já publicado, visto que há inúmeras traduções de trechos esparsos da obra shakespeariana que permanecem inéditas. Esse fenômeno ocorre até os dias de hoje, inclusive no caso de traduções feitas para grupos teatrais que não chegam a ser publicadas, bem como adaptações livres de traduções existentes.

A pesquisa que Celuta Gomes realizou juntamente com Thereza Aguiar foi fruto de uma conjunção muito especial de fatores, entre os quais se destacam a gestão de Eugênio Gomes na Biblioteca Nacional (1951-56), que propiciou o incentivo e os meios necessários; a ocasião do quarto centenário de nascimento de William Shakespeare (1964); e a forte presença de Shakespeare no teatro brasileiro, graças aos esforços de Paschoal Carlos Magno e o seu Teatro do Estudante do Brasil. Esse grupo teatral estreou em 1938 com *Romeu e Julieta*, em tradução portuguesa de Domingos Ramos, e até o momento do quarto centenário vinha produzindo sucessivas montagens desta e de outras peças shakespearianas, inclusive o célebre *Hamlet* de 1948, que revelou o talento de Sérgio Cardoso.

Uma outra referência importante para os estudos da fortuna de Shakespeare no Brasil é também uma edição comemorativa do quarto centenário de nascimento do autor inglês, *William Shakespeare: edição do IV Centenário*, organizada por Barboza Mello e Olympio Monat (1964) para a revista *Leitura*, de divulgação cultural. A coletânea inclui 33 artigos curtos de autores brasileiros e estrangeiros (traduzidos para o português), além de traduções de três sonetos e uma reportagem iconográfica, com fotos de lugares, montagens e atores. Para realizar o projeto, os organizadores contaram com o patrocínio do Instituto Nacional do Livro e com a ajuda do Conselho Britânico, que proporcionou a colaboração de escritores e críticos ingleses e parte das fotos que ilustram o volume. Entre os artigos, destacam-se, por focar traduções, os de Barbara Heliodora (“*Non sanz droict*: em defesa de Shakespeare”), Celuta Moreira Gomes (“*O mercador de*

Veneza no Brasil” e “Shakespeare em traduções brasileiras”) e Giovanni Pontiero (“Manuel Bandeira e *Macbeth*”).²

Traduções no século XIX

O teatro shakespeariano chegou ao Brasil por volta de 1835, com a visita de companhias estrangeiras trazendo montagens de peças como *Romeu e Julieta* e *Otelo* em traduções portuguesas, geralmente retraduzidas de uma adaptação francesa, ou mesmo na língua original dos atores, que costumava ser o francês ou o italiano. As primeiras traduções para o português do Brasil foram feitas a pedido da companhia teatral de João Caetano, ator-empresário que é considerado o criador do teatro brasileiro, cuja cena dominou por três décadas (1835-1863). Reconhecido como o primeiro ator brasileiro a viver personagens shakespearianos, João Caetano representou *Hamlet* pela primeira vez em 1835, usando um texto traduzido do inglês por Oliveira Silva, segundo acredita Pires de Almeida, grande estudioso do nosso teatro do século XIX (Eugênio Gomes, 1961: 13).³ O público, no entanto, achou essa tradução sombria, levando o ator e empresário a adotar, em 1840, a imitação de Ducis, também (ao que consta) em tradução para o português de J.A. de Oliveira Silva, obtendo grande sucesso comercial e o repúdio de poetas e escritores como Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Machado de Assis e Joaquim Nabuco (Heliadora, 2008: 324).

Celuta Gomes observa, em seu ensaio “O mercador de Veneza no Brasil” (Mello e Monat, 1964: 94), que:

O teatro de João Caetano deu-nos uma idéia deturpada do teatro shakespeariano, pois, êle nos foi apresentado através das adaptações francesas de Ducis, Vigny e Albois, havendo uma verdadeira celeuma a respeito de tais apresentações. João Caetano teria levado Shakespeare em traduções diretas do original ou através das adaptações? Ou teria representado, alternadamente, Shakespeare e adaptações? Os tradutores Oliveira Silva, J. C. Craveiro e Francisco José Pinheiro Guimarães traduziram Shakespeare ou as adaptações francesas de Ducis e Vigny?

² Para mais detalhes sobre as publicações de Eugênio Gomes, Celuta Moreira Gomes e dos co-organizadores Barboza Mello e Olympio Monat, ver MARTINS, Marcia A. P. *A instrumentalidade do modelo descritivo para a análise de traduções: o caso dos Hamlets brasileiros*. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, PUC/SP, 1999. Tese de doutorado. Disponível em <http://www.lettras.puc-rio.br:8081/bibliografia.php>

³ Com respeito à estréia de João Caetano no Rio de Janeiro, no papel de Hamlet, há uma divergência nos estudos de Eugênio Gomes e Celuta Gomes, embora ambos recorram à mesma fonte: o historiador Pires de Almeida. Enquanto o primeiro informa que a estréia deu-se em 1835, para Celuta Gomes a mesma ocorreu em 1836 (1961: 71; Gomes e Aguiar, 1965: 12).

Segundo Eugênio Gomes (1961), João Caetano, após um *Otelo* adaptado da tradução livre de Vigny, de inspiração romântica, em tradução de J. C. Craveiro, adotou a partir de 1838 a imitação de Ducis, traduzida a seu pedido pelo poeta Domingos José Gonçalves de Magalhães, considerado o pai do romantismo brasileiro.⁴ Revela Gomes, no entanto, que:

Comentaristas de teatro, não mui seguros de si, afirmam que êsse ator [João Caetano] teria se insurgido contra a preferência do público por aquela versão e quis impor-lhe o legítimo Shakespeare, representando-o algumas vezes ou alternadamente com o de Ducis, numa versão de J.C. Craveiro, calcada na de Vigny. (1961: 89)

Mas o estudioso ressalta não haver “qualquer evidência segura dêsse fato e o que parece fora de dúvida é que João Caetano preferiu finalmente a imitação de Ducis” (ibidem). Com *Macbeth* a história se repete: foi encenada [pelo ator-empresário/pela companhia] em 1843, em tradução de José Amaro de Lemos Magalhães a partir de uma adaptação de Ducis (Eugênio Gomes, 1961: 14).

Nesse período, portanto, predominou o Shakespeare de Ducis, popularizado não só devido à excelente receptividade por parte do público brasileiro, como também à passagem, pelo Rio de Janeiro, de duas companhias espanholas, que nos mostraram *Hamlet*, *Macbeth* e *Otelo* nas adaptações francesas – que, além de revestirem as tragédias shakespearianas de uma roupagem neoclássica, transformaram Otelo num ariano, “para não susceptibilizar a sociedade aristocrática” (ibidem, p. 15). Pelo seu papel na difusão das adaptações de Ducis, João Caetano ficou conhecido como “o Talma brasileiro”, numa alusão a François Joseph Talma (1763-1826), grande ator trágico francês. Como observa Barbara Heliodora,

[...] a história de Shakespeare no Brasil é um reflexo da clara predominância da cultura francesa sobre a portuguesa que, portanto, foi também a principal influência cultural sobre o desenvolvimento da colônia. Até mesmo o que muitos têm como primeira encenação de obras de William Shakespeare em Niterói e no Rio de Janeiro, graças a João Caetano (1808-1863), é apenas mais um exemplo de influência francesa. (2008: 321)

De fato, à exceção do repudiado *Hamlet* de 1835, que teve como base um original em língua inglesa, todas as peças “de títulos shakespearianos que o nosso

⁴ A afirmação de que o *Otelo* de Gonçalves de Magalhães é uma retradução da imitação de Ducis diverge da encontrada no artigo “Shakespeare no Brasil”, de Barbara Heliodora (2008: 324), que cita Pires de Almeida para informar que “em 1838, João Caetano interpreta *Otelo*, em tradução por Gonçalves de Magalhães (1811-1882) da versão para o francês de Alfred de Vigny”.

primeiro grande ator apresentou eram, na verdade, adaptações melodramáticas de Jean-François Ducis” (ibidem, p. 322). A aceitação e a popularidade das imitações de Ducis enquanto perdurou a influência do chamado neoclassicismo literário deveram-se em parte às cenas de extrema violência e às passagens obscenas encontradas no teatro de Shakespeare, que não observava as regras clássicas e chegou a ser considerado um “bárbaro” por Voltaire, que, no entanto, não deixava de admirar seu gênio criativo.

Segundo Eugênio Gomes, algumas dessas traduções brasileiras feitas a partir das imitações de Ducis, encomendadas pela companhia teatral de João Caetano, “não passavam certamente de adaptações ligeiras para a cena e de cujo paradeiro não se conhece nada” (1961: 30). Um dos tradutores que colaboravam com a companhia, J.A. de Oliveira Silva, publicou um livro intitulado *Traduções e originaes, poesias*,⁵ que inclui as seguintes traduções: um fragmento do primeiro ato de *Macbeth*; o solilóquio “Ser, ou não ser”, de *Hamlet*; o “Canto das Fadas” (Ato I, cena 3), de *Sonho de uma noite de verão*, e “O canto de Ariel” (Ato I, cena 2), de *A tempestade* (Mello e Monat, 1964: 157). Já outro tradutor que colaborou com João Caetano, Francisco José Pinheiro Guimarães, traduziu “o *Macbeth* de Shakespeare” (Celuta Gomes, 1961: 9), e possivelmente *Otelo*, segundo Pires de Almeida (ibidem).

Nas três últimas décadas do século XIX, passado o apogeu de João Caetano, os palcos brasileiros viveram um período de montagens estrangeiras de Shakespeare, com a visita de oito companhias italianas, duas espanholas e duas portuguesas (Heliadora, 2008: 325-26). No entanto, a fase de traduções de fragmentos e trechos esparsos por poetas e escritores continuou, entrando pelo novo século, com uma nítida preferência pelo solilóquio “To be, or not to be”, que recebeu 11 traduções diferentes. Entre os autores que transpuseram para o português trechos de peças, muito provavelmente já a partir de originais ingleses, destacam-se especialmente Machado de Assis (1839-1908), Francisco Otaviano (1825-1889) e Olavo Bilac (1865-1918). A famosa tradução do solilóquio de *Hamlet* feita por Machado foi publicada pela primeira vez em 1873⁶ e está incluída na edição de *Poesias completas* do autor.⁷

Francisco Otaviano traduziu o mesmo trecho — estendendo-o até a cena da devolução dos presentes entre Ofélia e Hamlet —, que foi publicado quatro vezes, a

⁵ Rio de Janeiro: H. Lambaerts & Cia., 1875.

⁶ *Arquivo Contemporâneo*, Rio de Janeiro, n. 13, 22 fev. 1873, p. 7.

⁷ Rio de Janeiro: W.M. Jackson Editores, 1937, p. 359-360.

primeira em 1871⁸. Além disso, transpôs para o português os seguintes fragmentos: de *Otelo*, a cena em que Otelo relata ao Conselho de Veneza como conquistou Desdêmona (Ato I, cena 3); de *Romeu e Julieta*, o primeiro encontro entre os protagonistas (Ato I, cena 5) e a primeira cena do balcão, no jardim do palácio dos Capuletos (Ato II, cena 2).

Olavo Bilac, por sua vez, também traduziu o mais famoso solilóquio de *Hamlet* — estendendo-o, assim como Francisco Otaviano, até a cena da devolução dos presentes — bem como trechos de *Otelo*, *Romeu e Julieta* e *Rei Lear*. Das histórias de Otelo e dos amantes de Verona, Bilac escolheu as mesmas cenas que Otaviano, acrescentando a segunda cena do balcão entre Romeu e Julieta (Ato III, cena 5). Da tragédia do rei Lear, selecionou o trecho da partilha do seu reino entre as três filhas, na abertura da peça (Ato I, cena 1). Todas essas traduções foram publicadas em 1912, na coletânea *Conferências Literárias*⁹.

Podemos citar, ainda, outros nomes das letras brasileiras que publicaram traduções de trechos esparsos em livros e periódicos desde 1875, data da edição do já mencionado *Traduções e originaes: poesias*, com fragmentos de quatro peças transpostos para o português por Oliveira Silva, até 1933, quando finalmente tivemos o primeiro Shakespeare integral em português do Brasil, a partir de um texto-fonte em língua inglesa. Entre esses autores, incluem-se:

- o jornalista, teatrólogo e médico José Ricardo Pires de Almeida (1843-1913) que traduziu, de *Hamlet*, o solilóquio “To be, or not to be”; uma parte da cena 2 do terceiro ato, que traz a peça-dentro-da-peça, e a cena do cemitério (Ato V, cena 1);

- o médico, parlamentar e poeta Francisco Bonifácio de Abreu, barão da Vila da Barra (1819-1887), que também não resistiu ao desafio de traduzir o mais famoso monólogo shakespeariano;

- o romancista, crítico literário, poeta, professor, tradutor, jurista e ensaísta Aderbal de Carvalho (1872-1915), que escolheu um fragmento até então não disponível em português do Brasil, que é a cena do quarto da rainha Gertrudes em que Hamlet mostra o retrato dos dois reis e os compara (Ato III, cena 4), e ofereceu mais uma tradução de “To be, or not to be”; e

- o advogado, crítico literário e escritor Tristão de Alencar Araripe Júnior (1848-1911), que favoreceu peças menos populares, como *Henrique IV* (partes 1 e 2), de onde

⁸ *Reforma*, 15 jun. 1871, p. 1.

⁹ Organização de Olavo Bilac. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1912 e 1930 (2ª. ed.), p. 353-357; 359-363; 368-369; 374-375. Os mesmos trechos foram republicados, postumamente, no suplemento literário do jornal *A Manhã*, “Autores e Livros”, edição de 15 jun. 1943, p. 292-299.

traduziu as palavras de Hotspur a Sir Walter Blownt (parte 1, Ato IV, cena 3) e as palavras do rei Henrique IV a seu filho (parte 2, Ato IV, cena 4); *Julio Cesar* (diálogo entre Cássio e Brutus, Ato I, cena 2), e *Ricardo III* (monólogo de Ricardo, ainda como Gloucester, Ato I, cena 3).

“Qual o primeiro brasileiro a traduzir Shakespeare?”

No artigo “Shakespeare em traduções brasileiras” (Mello e Monat, 1964) Celuta Gomes propõe a pergunta acima e afirma, à guisa de resposta: “Foi indiscutivelmente José Antônio de Freitas, o maranhense que se integrou nas letras portuguesas, o primeiro a apresentar Shakespeare em tradução integral, no seu ‘Otelo’ editado em Lisboa em 1882, e no seu ‘Hamlet’, também em Lisboa, em 1887” (1964: 158).

Queremos, no entanto, discordar da pesquisadora, com base no argumento de que o fato de Freitas ter nascido no Brasil não garante, necessariamente, que a sua tradução seja efetivamente “brasileira”. Por tradução brasileira entenda-se feita em português do Brasil, levando-se em conta os aspectos sintáticos, lexicais e de registro, entre outros, e observando uma poética literária compatível com “modos de escrever” adotados por nossos autores. Radicado em Portugal, publicado por editoras portuguesas, notabilizado pelo debate suscitado por suas traduções (chegou a acusar o rei D. Luís de apropriar-se de duzentas e tantas frases do seu *Hamlet* em português), Freitas não pode, a nosso ver, ser incluído entre os autores de traduções brasileiras. Embora Eugenio Gomes também afirme que Freitas foi o “único brasileiro a publicar traduções de Shakespeare no século passado” (1961: 30), consideramos que o critério de nacionalidade deve ter peso menor do que a inserção do tradutor em questão nas cenas literária e cultural portuguesas; por isso endossamos a tese de que a primeira tradução brasileira de um texto shakespeariano integral, a partir de um texto-fonte em língua inglesa, foi a de Tristão da Cunha, em edição da Schmidt datada de 1933, a respeito da qual Gomes assim se pronuncia: “[q]uanto a traduções dignas deste nome, quem abriu por assim dizer o caminho, no Brasil, foi o escritor e poeta Tristão da Cunha, com a *Tragédia de Hamleto, príncipe da Dinamarca*” (1961: 30). Desde então, foram publicadas mais de 160 traduções para as 37 peças do cânone shakespeariano tradicional, que recentemente incorporou mais uma, *The two noble kinsmen*, assim como a edição de *Hamlet* de 1603, conhecida como o Primeiro Quarto. Mas essa é uma história atual e relativamente fácil de construir, ao contrário daquela das primeiras traduções, registradas graças ao interesse e dedicação de Eugênio Gomes, Celuta

Moreira Gomes, Thereza Aguiar, Olympio Monat e Barboza Mello, bem como à feliz conjugação de fatores que levou estudiosos e apreciadores de Shakespeare a ocuparem posições-chave na Biblioteca Nacional na década em que seria comemorado o quarto centenário de nascimento do autor inglês.

Referências bibliográficas

- ALVES, Ivya (1995) *Visões de espelhos: o percurso da crítica de Eugênio Gomes*. Tese de Doutorado em Letras (Literatura Brasileira). FFLCH, USP.
- GOMES, Celuta Moreira (1961) *William Shakespeare no Brasil - Bibliografia*. Separata do volume 79 (1959) dos Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: MEC. Disponível em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_079_1959.pdf. Acesso em 20 nov. 2008.
- _____ & AGUIAR, Thereza da Silva (1965) *William Shakespeare no Brasil – Bibliografia das comemorações do 4º. Centenário, 1964*. Rio de Janeiro: Divisão de Publicações e Divulgação, Biblioteca Nacional, MEC.
- GOMES, Eugenio (1961) *Shakespeare no Brasil*. São Paulo: MEC.
- HELIODORA, Barbara (2008) “Shakespeare no Brasil”. Marlene Soares dos Santos & Liana de Camargo Leão (orgs.) *Shakespeare, sua época e sua obra*, 321-334. Curitiba: Beatrice.
- MARTINS, M. A. P. (2006) “Sotaque brasileiro”. *Entreclássicos (Entrelivros) n. 2 - Shakespeare*, 90-98. São Paulo: Duetto.
- _____ (2008) “Shakespeare em tradução no Brasil”. Marlene Soares dos Santos & Liana de Camargo Leão (orgs.) *Shakespeare, sua época e sua obra*, 301-319. Curitiba: Beatrice.
- MELLO, Barboza & MONAT, Olympio (1964) *William Shakespeare: edição do IV Centenário*. Rio de Janeiro: Leitura.